

Economista americano apóia

quarta-feira, 16/9/87 □ 1º caderno □ 13

plano do Brasil

Silvio Ferraz
Correspondente

WASHINGTON — “A direção que o governo brasileiro imprimiu às negociações sobre a dívida externa é a certa. Não é possível que cinco bancos americanos possam derrubar o Brasil”, declarou ontem em entrevista ao JORNAL DO BRASIL o professor Jeffrey Sachs, da Universidade de Harvard, que integra a equipe do ministro Bresser Pereira com a função de buscar meios para tornar mais atraente a proposta brasileira aos bancos. “Se o governo brasileiro mostrar firmeza, mais cedo do que se imagina os banqueiros verão que este é o caminho a seguir”, frisou Sachs, que também assessora o governo boliviano na condução de sua dívida.

Sachs apoiou a proposta do ministro Bresser Pereira ao secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, no sentido de trocar parte da dívida externa brasileira por papéis com uma remuneração variável, embora com um desconto de 55% sobre o seu valor de face: “Contrariamente ao que estão afirmando aos jornais, os banqueiros não terão que registrar em sua contabilidade estas transações como prejuízos, pois as leis americanas não o exigem. Mesmo porque, o Brasil não faria uma proposta ilegal”, ponderou Sachs.

Sobre a resistência do secretário do Tesouro americano em considerar a proposta de Bresser Pereira como um ponto de partida para um novo enfoque na questão da dívida, Sachs acredita que Baker esteja jogando o seu papel de negociador. “Nesse caso, cabe ao governo brasileiro mostrar que seu povo já pagou uma carga excessiva pela dívida externa e é chegada a hora de um compromisso

recíproco com os banqueiros”, afirmou. Para Sachs, a palavra de ordem é compromisso. O economista vê nos bancos japoneses e europeus maior realismo e receptividade à proposta de Bresser. “Pode ter havido um pouco de confusão nas notícias do encontro entre Bresser e Baker, mas posso afirmar que as conversas foram muito mais produtivas do que se tomou conhecimento pelos jornais”, acentuou.

Atração — Jeffrey Sachs, que estará na segunda-feira próxima realizando um seminário de dois dias sobre dívida externa em Washington, vê atração nos papéis que poderiam ser lançados pelos bancos que concordarem com a proposta do governo brasileiro. “Os juros serão pagos, este pagamento será prioritário para o Brasil e quem os subscrever não precisará realizar futuros empréstimos”, disse. Para ele, isso seria suficiente para que os bancos acabassem se rendendo à evidência de que o enfoque para resolver a crescente dívida externa dos países do Terceiro Mundo precisa ser necessariamente novo, passando ao largo das soluções tradicionais. “Comparar estes *bonds* com as ações do mercado do lixo de Wall Street é absurdo”, rebateu. “Trata-se de um caminho seguro que poderá, inclusive, ser garantido pelo Banco Mundial”, ponderou. Jeffrey Sachs insiste em que o rumo aponta para a proposta Bresser, embora reconheça que possa receber retoques. Por isso mesmo, juntamente com dois bancos de investimentos dos Estados Unidos, está aliado à equipe de Bresser e do Banco Central do Brasil examinando alternativas para a proposta a ser apresentada no próximo dia 25 aos banqueiros em Nova Iorque, pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet.